

## A assistência da enfermagem no processo de doação de órgãos

Nursing assistance in the organ donation process

Asistencia de enfermería en el proceso de donación de órganos

Recebido: 13/10/2022 | Revisado: 20/10/2022 | Aceitado: 21/10/2022 | Publicado: 27/10/2022

**Camila Aparecida Duzi Bernardo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7639-5342>

Faculdade Cristo Rei, Brasil

E-mail: [camila.duzi@hotmail.com](mailto:camila.duzi@hotmail.com)

**Conceição Aparecida da Silva Nunes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9365-7615>

Faculdade Cristo Rei, Brasil

E-mail: [conceicao.aparecida@faccrei.edu.br](mailto:conceicao.aparecida@faccrei.edu.br)

### Resumo

O presente artigo visa tratar sobre as vivências e desafios que são encontrados pelos pacientes e pela equipe de enfermagem quando se é necessário passar por um processo de doação de órgãos. Para isso, é necessário explicar sobre o que é o transplante de órgãos dentro do Sistema Único de Saúde, o SUS, quando esse pode ocorrer e quais são os processos pelos quais o paciente passa até que, de fato, receba o órgão que é capaz de salvar sua vida. Ainda, irá se dispor sobre qual é atuação da equipe de enfermagem no processo de transplante, bem como a humanização do processo é capaz de dar ao atendimento médico um olhar mais empático de modo a aproximar o paciente e a família, vez que são, no mínimo, duas famílias fragilizadas, uma com a perda de um ente querido. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica na base de dados do Google Acadêmico, num lapso temporal de 15 anos. Assim, após leitura minuciosa foi selecionado o material utilizado de base teórica para a construção deste artigo. Por meio do estudo realizado foi possível constatar a equipe de enfermagem possui um papel de suma importância ante a fragilidade pela qual o paciente passa até que se realize o transplante, devendo ser muito bem pré-estabelecida a atividade que deve ser desempenhada por cada profissional, sendo que o acolhimento da família doadora é extremamente importante para que o procedimento possa ser realizado.

**Palavras-chave:** Transplante de órgãos; Enfermagem; Doação de órgãos.

### Abstract

This article aims to address the experiences and challenges that are encountered by patients and the nursing team when it is necessary to go through an organ donation process. For this, it is necessary to explain what organ transplantation is within the Unified Health System, the SUS, when it can occur and what are the processes that the patient goes through until, in fact, he receives the organ he is capable of. to save your life. Still, it will be available about what is the role of the nursing team in the transplant process, as well as the humanization of the process is able to give medical care a more empathetic look in order to bring the patient and the family closer, since they are, in the minimum, two fragile families, one with the loss of a loved one. The study was carried out through a bibliographic search in the Google Scholar database, in a time lapse of 15 years. Thus, after a thorough reading, the material used as a theoretical basis for the construction of this article was selected. Through the study carried out, it was possible to verify that the nursing team has a very important role in the face of the fragility that the patient goes through until the transplant is performed, and the activity that must be performed by each professional must be very well pre-established, and welcoming the donor family is extremely important for the procedure to be performed.

**Keywords:** Organ transplantation; Nursing; Organ donation.

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo abordar las experiencias y desafíos que se encuentran los pacientes y el equipo de enfermería cuando es necesario pasar por un proceso de donación de órganos. Para eso, es necesario explicar qué es el trasplante de órganos dentro del Sistema Único de Salud, el SUS, cuándo puede ocurrir y cuáles son los procesos por los que pasa el paciente hasta que, de hecho, recibe el órgano del que es capaz. salva tu vida. Aún así, se dispondrá sobre cuál es el papel del equipo de enfermería en el proceso de trasplante, así como la humanización del proceso es capaz de dar una mirada más empática a la atención médica con el fin de acercarse al paciente y a la familia, ya que son, como mínimo, dos familias frágiles, una con la pérdida de un ser querido. El estudio se realizó a través de una búsqueda bibliográfica en la base de datos Google Scholar, en un lapso de tiempo de 15 años. Así, luego de una lectura minuciosa, se seleccionó el material utilizado como base teórica para la construcción de este artículo. A través del estudio realizado se pudo constatar que el equipo de enfermería tiene un papel muy importante ante la fragilidad

que atraviesa el paciente hasta la realización del trasplante, y la actividad que debe realizar cada profesional debe ser muy bien preestablecido, y la acogida de la familia donante es de suma importancia para el procedimiento a realizar.

**Palabras clave:** Trasplante de órganos; Enfermería; Donación de Órganos.

## 1. Introdução

A presente pesquisa pretende contextualizar as experiências de enfermeiros frente ao processo de doação de órgãos, e por essa razão, escolheu-se o tema: enfermagem: a vivência e os desafios no processo de doação de órgãos, o qual será esmiuçado no decorrer do artigo.

Com a evolução constante da medicina, os transplantes se tornaram uma alternativa essencial para manter pacientes que, por conta de uma doença séria, precisam repor os órgãos, para continuar vivos. Trata-se de um processo revolucionário, já que, em épocas passadas, não havia opções capazes de salvar um paciente em estado agudo.

A remoção de órgãos para realizar a doação, é uma atitude solidária que é feita, gratuitamente, com o objetivo principal de salvar vidas e garantir uma vida mais saudável, isso em casos de órgãos que foram perdidos por conta de doenças graves. O transplante de órgãos deve ser visto como prática essencial, principalmente por ser importante na garantia de vida de outras pessoas, pois é a última forma de tratamento, vez que, geralmente, todos os outros não geram resultados. Devido a isso, deve ser um procedimento enaltecido, ante sua grande relevância para a sociedade em geral.

No processo de doação de órgãos, o profissional de enfermagem é personagem essencial, já que cuida dos pacientes, quanto fornece apoio aos familiares daqueles que doam o órgão e de quem o recebe. Nessa etapa delicada, os enfermeiros acolhem os familiares, informando-os e oferecendo suporte emocional, assim como possui a função de identificar se determinado indivíduo é ou não doador. E para que isso se torne possível, é importante que os enfermeiros tenham conhecimento acerca da prática de doação de órgãos, para informarem e saberem estabelecer ações coerentes.

Assim, após o elencado, é possível perceber que a atuação da equipe de enfermagem nesse procedimento, é fundamental no cuidado aos pacientes em estado terminal e na doação de órgãos e tecidos, e o projeto de estudo pretende esclarecer o seguinte questionamento: Qual o papel da enfermagem na vivência e os desafios no processo de doação de órgãos? Com o intuito de compreender como é a atuação da assistência de enfermagem nesse tipo de situação, que requer preparo e conhecimento sobre o assunto.

No processo de doação de órgãos, a participação dos enfermeiros é fundamental para viabilizar esse procedimento, vez que esse é responsável por várias atividades, entre elas, identificar os pacientes que morreram por Morte Encefálica, buscar pacientes em Unidade de Terapia Intensiva e em recuperação pós-anestésica e emergência. Depois da identificação desses pacientes, o enfermeiro inicia processos técnicos e cumpre os protocolos para confirmar a condição do paciente, como doador.

A assistência de enfermagem se destaca no processo de doação de órgãos, já que é o profissional que está presente em todas as fases dos pacientes, e essa assistência é direcionada para o indivíduo, para os familiares e para a equipe de saúde em geral, visto que cuida das etapas de manejo do órgão e dos pacientes, desde a monitorização hemodinâmica, prestação de serviços, manutenção e a viabilidade dos órgãos e tecidos do doador ou possível doador, bem como da compatibilidade.

A doação de órgãos e todo o processo que inclui a assistência de enfermagem é algo essencial que salva vidas, dessa maneira, a presente pesquisa busca abordar a vivência dos profissionais nesse procedimento delicado, como as características e desafios que essa área possui. Os enfermeiros que atuam nessa área se sentem motivados em serem responsáveis por renascer a esperança em pacientes que precisam desse procedimento, entretanto, há o outro lado, que reflete a perda de um ente querido para uma família, e nessa condição, o enfermeiro deve ser um apoio para os familiares enlutados.

Os enfermeiros são responsáveis por orientar a equipe de saúde, em relação à necessidade de esclarecer aos familiares sobre possíveis doadores, após o processo de identificação de pacientes com morte encefálica (ME), e esse cuidado é essencial,

visto que, na maioria das vezes, os familiares só passam a ter contato com o resultado de ME, depois de concluído, dificultando assim o processo de aceitação das condições dos pacientes.

A área de atuação dos enfermeiros que lidam com a doação de órgãos é delicada e extremamente relevante, pois é esse profissional quem lida com o procedimento de identificação dos pacientes e potenciais doadores, e através desse contato, a principal intenção é salvar vidas e melhorar a qualidade de vida de pacientes com doenças que prejudicaram seus órgãos ou tecidos. Os enfermeiros são peça chave para cuidar desse procedimento de doação de órgãos, já que está por dentro dos pacientes e suas condições de saúde, e essas informações se tornam primordiais para a equipe de saúde como um todo, proporcionando maior preparo e base aos outros profissionais que estão inclusos nesse atendimento.

Avaliando a necessidade de saber mais sobre como é a vida e a atuação de enfermeiros na área de doação de órgãos, assim como os desafios que enfrentam, optou-se por escolher esse tema, com a intenção de clarear as ideias e pontos de vista sobre essa área e saber como os enfermeiros agem nessa área. Essa pesquisa ajudará na compreensão aprofundada acerca das ações da assistência de enfermagem no procedimento de doação de órgãos até o processo de transplantarem, evidenciando ainda a realidade de vida desses profissionais.

Do ponto de vista acadêmico, o estudo beneficiará os estudos posteriores, colaborando para embasar pesquisas que tem como intuito destacar a vivência, importância e dificuldades dos profissionais que lidam com essa área delicada, que ao mesmo tempo, é permeada de esperança para alguns e com outra vertente, direcionada à morte e luto de familiares.

Assim, o presente estudo visa tratar sobre as vivências e desafios que são encontrados pelos pacientes e pela equipe de enfermagem quando se é necessário passar por um processo de doação de órgãos. Para isso, é necessário explanar sobre o que é o transplante de órgãos dentro do Sistema Único de Saúde, o SUS, quando esse pode ocorrer e quais são os processos pelos quais o paciente passa até que, de fato, receba o órgão que é capaz de salvar sua vida

## **2. Metodologia**

Esta pesquisa, que tem como fundamento a investigação teórica a respeito da assistência da enfermagem em casos de doação de órgãos, possui natureza de pesquisa básica, uma vez que são analisados dados que já coletados e divulgados a respeito do tema. Também pode ser classificada em bibliográfica, de cunho exploratório e qualitativo. Considerada bibliográfica por tratar-se de um estudo desenvolvido com base em materiais publicados em livros, internet, artigos, acessível de forma pública. (Gil, 2007)

Nesta pesquisa o fundamento foi o método dedutivo, uma vez que o tema principal se vale da assistência da enfermagem, visto a partir de um panorama geral, tendo como perspectiva aspectos históricos e atuais. Dessa forma, a pesquisa é afunilada abordando quais são as principais funções e atribuições aos enfermeiros que laboram no processo de doação e transplante de órgãos no SUS.

O estudo pode ser caracterizado, também, aquele tido por descritivo por Gil (2008), vez que visa descrever os fenômenos e ações que haja foram observados anteriormente sobre o tema, por meio de uma padronização de coleta de dados.

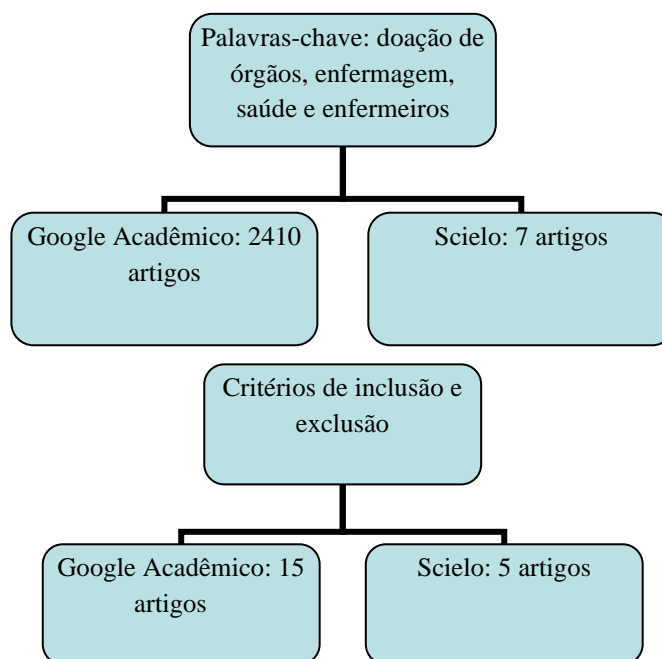
A pesquisa é de cunho bibliográfico com embasamento teórico em vários autores que discutem a questão das dificuldades e ações dos enfermeiros no processo de doação de órgãos, dos quais se ressalta a importância do material disponibilizado por Fonseca (2004), Araújo (2013) e Soares (2007), vez que estes colaboram para o processo de descrição do estudo e tornaram a compreensão sobre o assunto mais fácil.

Para selecionar os artigos para embasamento teórico utilizou-se de bases de dados da Scielo e do Google Acadêmico, buscando os textos através das seguintes palavras-chave: doação de órgãos, enfermagem, saúde e enfermeiros. Os artigos são dos anos de 2007 até 2022, sendo que na primeira plataforma obteve-se, inicialmente, como resultado da pesquisa 2410

artigos, e na base de dados do Scielo, a pesquisa retornou 7 textos, sendo que todos eles também estavam disponíveis no Google Acadêmico.

Assim, foi utilizado como critério para o estudo do artigo: data da publicação, ser em língua portuguesa, tratar diretamente sobre a atuação da enfermagem no caso de doação de órgãos, dispor sobre os cuidados com a família e com o paciente de modo humanizado, com isso, obteve-se os seguintes dados:

**Figura 1** – fluxograma de análise de material.



Fonte: Autores (2022).

Quanto aos dados estatísticos a pesquisa seguiu os seguintes passos: pesquisa bibliográfica, através da qual se buscou artigos e documentos oficiais dos entes federativos, da União ou do COREN sobre as ações que devem ser tomadas pelos enfermeiros que são atuantes no campo da doação de órgãos.

Os dados coletados são analisados em diferentes etapas, levando em conta as especificidades de cada material. Para os textos teóricos, foi realizada uma leitura crítica, pontuando quais são as principais contribuições de cada texto. Já os documentos foram analisados a partir dos seguintes critérios: atualidade do documento, autoria, local de publicação, quantidade de acessos. (Gil, 2007)

De tal modo, limitou-se o lapso temporal em 15 anos, ou seja, foram estudados artigos publicados de 2007 a 2022. Como critério de autoria somente foram selecionados os materiais publicados em língua portuguesa disponíveis na base de dados do Google Acadêmico e Scielo. Foram excluídos os textos que dispunham sobre estáticas ante ao fato de não se constatar fontes oficiais do governo federal sobre essas.

### 3. Resultados e Discussão

Como se sabe, a Constituição Cidadã de 1988 assegura em seu art. 6, caput e no art. 196 e seguintes o direito à saúde, como um direito social a ser tutelado pelo Estado, vejamos:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015)

Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Os transplantes de órgãos foram um marco revolucionário na medicina do século XX, sendo que o primeiro a ocorrer no Brasil fora em 1964, tendo sido um transplante renal. Todavia, houve diversos entraves para que o sistema de transplantes fosse desenvolvido à época, tendo retornado à pauta somente em 1966, quando fora viabilizado o aumento do número de transplantes o método de operação de receptores e doadores (Huertas, 2019)

Com o advento da lei nº 9.434 de fevereiro de 1997, que dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplantes e tratamento, houve a regulamentação legal do procedimento a ser observado pela equipe de saúde para que a cirurgia ocorresse da melhor maneira possível (Brasil, 1997)

Assim, a fim de garantir tal cláusula pétrea, o Brasil fora, ao longo da história, tendo desenvolvido vários programas a fim de que o atendimento básico à saúde fosse prestado, sendo que esses deram base ao atual Sistema Único de Saúde, o SUS, o qual gerencia uma das políticas de transplante no país por meio do Sistema Nacional de Transplantes, o qual financia mais de 80% dos transplantes atuais (Santos, 2009).

De tal modo, o Brasil é o segundo país que mais realiza transplantes no mundo, ficando atrás somente dos Estados Unidos da América, possuindo o maior sistema público do mundo para a realização de tais procedimentos (Fernandes et al., 2009; Magalhães et al., 2017)

A evolução tecnológica levou ao aumento significativo no número de transplantes de órgãos, vez que proporcionou a disseminação de tal alternativa terapêutica e suas vantagens ante a segurança que proporciona e eficácia no tratamento de diversas doenças (Trigueiro, et al., 2020).

O autor retro mencionado dispõe quais são os requisitos para a realização do transplante:

Para que o transplante aconteça é necessário que o receptor esteja inscrito no Cadastro Técnico único (CTU) para receber o órgão, depois ser orientado sobre os riscos e benefícios do procedimento e autorizar. O CTU é separado para cada tipo de órgão (coração, fígado, pâncreas, pulmão, rim) ou tecido (medula óssea, ossos, córneas). Segundo os critérios nacionais para a seleção do receptor, o tempo da fila de espera deve ser prioritário, seguido pelo estado de saúde em relação à gravidade. Porém, podem ocorrer exceções que são caracterizadas como urgência que irá igualar os direitos dos receptores que serão independentes de cultura ou classe socioeconômica

Quanto aos doadores, a Associação Brasileira De Transplantes de Órgãos (2022) menciona que possuem dois tipos de doadores, o doador em vida e o doador após ser diagnosticado com morte encefálica.

A ABTO descreve que o doador em vida deve ser uma pessoa com boas condições de saúde, de modo que a doação não comprometa sua própria saúde aptidões vitais, sendo que esse precisa passar por avaliações médicas a fim de se constatar que não existem possibilidade de doenças comprometerem sua saúde ou do receptor. Legalmente é necessário que o doador, em vida, seja uma pessoa juridicamente capaz, ante a necessidade de autorização judicial, sendo possível a doação de:

O doador vivo pode doar um rim, medula óssea (se compatível, feita por meio de aspiração óssea ou coleta de sangue); parte do fígado (em torno de 70%) e parte do pulmão (em situações excepcionais).

Quanto ao doador pós-morte encefálica, a Associação descreve como morte encefálica aquela baseada na ausência de todas as funções neurológicas, havendo “funcionamento” de todos os demais órgãos, há possibilidade de doação. Cabe ressaltar que a morte encefálica somente ocorre em pacientes hospitalizados que estejam respirando com a ajuda de aparelhos.

De acordo com Trigueiro et al. (2020), os doadores com morte encefálica são aptos a doação de córneas, esclera, pele, ossos, cartilagens, tendões, meniscos, fáschia muscular, válvulas cardíacas e vasos sanguíneos.

Assim, pode-se dizer que o transplante é um procedimento cirúrgico que pode ser denominado como um ato de colher um órgão ou tecido, ou parte dele, de um indivíduo (o doador) e implantá-lo em outro indivíduo (receptor) (Trigueiro, et al., 2020)

Existem diversas classificações de transplantes que ocorrem de acordo com a origem do enxerto. O autotransplante ocorre quando o tecido doado é do próprio receptor, como, por exemplo, o transplante de pele. Já o alotransplante consiste na transferência do enxerto entre indivíduos da mesma espécie, sendo o mais comum, vez que os receptores humanos recebem de doadores humanos. E, existe, ainda, xenotransplante, que é quando ocorre a transferência de enxerto entre espécies diferentes, como de macacos para humanos (Garcia, et al., 2015).

Assim, é importante que haja ciência de que há uma variedade em relação aos tratamentos baseados em transplantes, devendo haver aprimoramento dos profissionais para que o número de cirurgias aumente cada dia de modo a proporcionar uma melhor qualidade de vida a mais brasileiros. (Huertas, 2019)

### **3.1 A atuação da Enfermagem no Processo de Transplante**

O processo de desenvolvimento dos transplantes diz respeito a obter órgãos para garantir a modalidade, bem como à ação de extrair os órgãos do corpo humano de pacientes sem vida, e no caso desses pacientes em condição de morte encefálica, os seus órgãos e tecidos serão eficientes para outra pessoa que necessita. Mas essa condição não é simples, visto que envolve diversos fatores em conflito, entre doadores, familiares, profissionais e receptores (Lima; Silva; Pereira, 2009).

De acordo com Silva (2015), levando em conta a consciência e atitude dos profissionais de saúde em se tratando à doação de órgãos, é importante evidenciar que é necessário educar trabalhadores de saúde, desenvolvendo campanhas em todos os países, para incentivar as pessoas a se tornarem doadoras, e é preciso, que sejam feitas ações mobilizadoras com estratégias assertivas, para gerar um aumento e consciência sobre as pessoas, evidenciando a importância da doação.

No território brasileiro, os transplantes possuem um número de destaque em relação às doenças terminais, com um resultado positivo, significativo, que apresenta melhor qualidade de vida para os pacientes que receberam um transplante, mas, ainda não são números que atendem as necessidades suficientes para a sociedade em geral, tornando a lista de espera crescente e, infelizmente, muitos pacientes acabam morrendo na fila, por não encontrarem um doador (Silva *et al.*, 2014).

A doação de órgãos é fundamental para salvar vidas, mas ainda não há estratégias que apresentam a importância de se tornar um doador, e nessa falta de informação e de campanhas que mobilizem as pessoas, acarreta a falta de doadores, que reflete no óbito de muitos pacientes que poderiam ser salvos com um transplante. Assim como pontua Campos (2001), a escassez de órgãos é algo que preocupa, e se torna um obstáculo para as equipes que cuidam dessa área, visto que a demanda por transplantes cresce cada vez mais, e sem a ampliação de doações, a lista de espera só aumenta.

Um ponto importante a ser evidenciado é a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) nessa área de atuação, visto que a SAE colabora para que o ambiente de trabalho, na saúde, seja dinâmico e eficiente aos profissionais e quando a sistematização é implantada corretamente, auxilia a equipe de enfermagem melhorando a autoestima e proporcionando um gerenciamento melhor em relação ao processo de saúde-doença, visto que corrobora na organização que conferindo autonomia aos enfermeiros e assegura os pacientes, além de ter um respaldo jurídico (Santos, 2014).

É importante a qualidade dos serviços de enfermagem na realização, que estabeleça condições favoráveis aos profissionais no ambiente de trabalho, com o intuito de auxiliar os enfermeiros na assistência aos pacientes, garantindo qualidade do serviço ofertado. Além disso, é necessário que os enfermeiros saibam qual o seu papel e as funções que devem

desempenhar no abono de um atendimento eficiente e um gerenciamento cuidadoso e responsável (Silva; Carvalho; Almeida, 2019).

### 3.2 O contato da enfermagem com a família do doador

Como já fora visto anteriormente, grande parte dos casos de transplantes no Brasil ocorre devido à morte cerebral de um indivíduo, que possui seu diagnóstico regulamentado pela Resolução N° 2.173, de 23 de novembro de 2017, do Conselho Federal de Medicina – CFM.

Assim, aquele que acabara de falecer passará a ser o doador de órgãos como: o coração, os dois pulmões, o fígado, os dois rins, o pâncreas e o intestino. Todavia, para que o procedimento possa ocorrer, é necessário o consentimento dos familiares do doador, que estão vivenciando o início do luto. (Cosmo *et al.*, 2014).

Entende-se que faz necessário descrever o que é a morte encefálica, a Central de Transplantes do Estado do Rio Grande do Sul (2019) a descreveu como:

A morte encefálica é a morte do cérebro (encéfalo), de todas as suas partes, incluindo o tronco cerebral que é a parte do encéfalo que controla a respiração, os batimentos cardíacos e a temperatura do corpo. Quando existe morte do encéfalo, a parada do coração e de todos os órgãos é inevitável depois de algum tempo. As funções do corpo só conseguem ser mantidas temporariamente de modo artificial pelos equipamentos existentes em uma UTI. O paciente com morte cerebral não pode respirar sem os aparelhos e o coração não baterá por mais de algumas poucas horas. Por isso, a morte encefálica já caracteriza a morte do indivíduo, tanto para os médicos como para a lei.

A equipe de enfermagem é responsável por acalantar a família no momento da perda lembrando sobre a possibilidade da doação de órgãos. É evidente que se trata de um assunto delicado, contudo, ele deve ser tratado o mais breve possível para que a doação possa ocorrer. (Soares, 2020). De acordo com o Ministério da Saúde (2022) cerca de 38,4% das famílias ainda recusam a doação de órgãos.

Assim, a enfermagem deve prestar assistência ao doador dos órgãos e aos seus familiares a fim de viabilizar os órgãos, explicando aos familiares sobre a necessidade de manutenção do doador em UTI até que se complete a retirada dos órgãos passíveis de doação (Resolução COFEN 292/2004)

A Organização de Procura de Órgão – OPO, é composta por enfermeiros que devem prestar assistência durante a internação, esclarecer possíveis dúvidas do próprio paciente ou de familiares quanto ao procedimento e burocracias posteriores. Ainda, deve oferecer todo o tipo de suporte que seja capaz de amenizar a dor da perda. (Soares, 2020)

O enfermeiro atuante no OPO deve ter uma conduta totalmente ética ante a seriedade da atividade desenvolvida, de modo que esse profissional deve possuir domínio técnico e científico sobre o tema, além de que deve possuir empatia, sensibilidade, disponibilidade de compreender sentimentos alheios e facilidade de adaptar-se a situações novas e contextos diferentes (Araújo, 2013)

O processo de morte, mesmo sendo visualizado como algo inerente na natureza humana, afeta cada pessoa de uma forma diferente, e a reação a esse momento depende de fatores diversos e da relação entre os familiares e o paciente. No âmbito hospitalar, há uma relação complexa entre os médicos, pacientes e familiares, e sob esse viés, pode-se compreender que o momento terminal é composto por diversas questões: clínicas, sociais, culturais, religiosas e econômicas (Monteiro; Magalhães; Machado, 2017).

No ambiente hospitalar, a junção de ações e procedimentos corrobora para que o paciente e os seus familiares fiquem estressados e ansiosos, e isso ocorre por vários fatores, como: solidão, isolamento, restrição de visita, ambiente impessoal, falta de privacidade e individualidade, falta de informação e medo da morte (Cosmo *et al.*, 2014).

De acordo com Souza e Gomes (2012), quando ocorre o adoecimento em um membro da família, não ocorre uma ação individual, pois esse momento corrobora para que haja situações de desequilíbrio que ultrapassam os aspectos corporais do doente, e exigem uma reorganização da vida dos familiares.

Para Fonseca (2004), o contato com a morte é um momento que é temido pelas pessoas, e as mesmas evitam pensar nesse período, sendo assim, requer um tempo adaptativo em relação aos familiares. A fase de luto, compreende fases como entorpecimento, que gera choque, descrença, incredulidade e negação, que se configuram como sentimentos frequentes no âmbito da UTI.

De tal modo, os integrantes do OPO devem realizar uma abordagem familiar totalmente empática e acolhedora, expressando seus conhecimentos científicos sobre a viabilidade do transplante e a possibilidade de se salvar vidas a partir daquele momento difícil. (Araújo, 2013)

A morte quando se aproxima, gera os sentimentos de perda e pena, além de sentimentos de ódio e raiva que resultam em negação e depressão. Há diversos momentos em que os familiares, pacientes e médicos não conversam sobre a situação, estabelecendo o silêncio em relação ao assunto da doença e da possibilidade de morte. Dessa maneira, é preciso reconsiderar esse comportamento, visto que é necessário manter os familiares conscientes sobre a evolução da doença, pois essas informações auxiliam como forma de apoio (Soares, 2007).

Devido ao momento em que a abordagem deve ser feita pela equipe de enfermagem, os profissionais devem ser dotados de preparo emocional que lhes permita lidar com as mais diversas reações dos familiares, pois cada ser humano lida com a perda de uma maneira (Araújo, 2013)

O momento do óbito é delicado e complexo, visto que deixa os familiares em um estado melancólico, acarretando-lhes sentimentos de medo, insegurança, revolta, insatisfação e angústia, e os enfermeiros que atuam, diretamente no processo de doação de órgãos e tecidos, estão inclusos nessa etapa. (Santos, 2014).

Para que a atuação da equipe de enfermagem obtenha êxito é fundamental que essa esteja devidamente capacitada para realizar o reconhecimento de potenciais doadores, observando o quadro clínico de pacientes que estão em coma aperceptivo com ausência de atividade motora supra-espinal e apneia (Oliveira; Fernandes, 2016)

A assistência direta da equipe de enfermagem possui capacidade de prestar cuidados ao potencial doador, além de assistência no atendimento aos familiares e à equipe de saúde em geral, como também dizem respeito à preocupação com os órgãos e com o receptor, sendo que esse processo deve ser amplamente humanizado. (Soares, 2007).

Oliveira e Fernandes (2016) descrevem como ocorre a abordagem família de um potencial doador:

O diagnóstico de morte encefálica – ME, e seu conhecimento por parte dos familiares é essencial para a autorização da doação. O protocolo indicado para obter a autorização dos familiares para a doação de órgãos consiste no médico explicar que o paciente está em ME e que este preenche todos os critérios para doação de órgãos, sendo, então, considerado um potencial doador. Após essa primeira abordagem, uma equipe multiprofissional capacitada aborda a família. Tal estratégia de esclarecer os familiares sobre a ME é de fundamental importância para facilitar o processo, já que foi descrito, na literatura, que a desconfiança no diagnóstico correto de ME pela população leiga é um fator limitante para a doação de órgãos

De tal modo, o contato com a família é crucial para o deslinde da doação de órgãos, devendo ser uma conversa clara e transparente sobre como é a doação a fim de reduzir o estresse inerente da situação a fim de se obter a autorização para a realização do procedimento (Sales; D'artibale, 2011).

Um estudo realizado por Meneses et al. (2010) revelou que são diversos os motivos que levam a recusa familiar para a doação, dos quais se ressalta que a não compreensão quanto ao diagnóstico e a crença religiosa são os fatores que mais levam a negativa. Ainda, muitos são os que desconfiam do processo de doação e do diagnóstico de morte encefálica.



Assim, é preciso que o enfermeiro tenha todas as informações necessárias para responder aos questionamentos familiares em relação ao transplante, sem desprezar as crenças alheias, que na maioria das vezes pode prejudicar o processo de doação, visto que, de acordo com Andrade *et al.* (2018, p.03),

O pouco conhecimento dos familiares acerca do assunto é um dos principais motivos da recusa de doação. A interpretação pessoal de trechos escritos na bíblia é outro fator que pode gerar uma postura desfavorável à doação, assim como, quando o líder religioso é contra este processo, os fiéis tendem a ser também.

Ou seja, a crença pode influenciar no processo de doação, por conta das pessoas confiarem nas palavras ou em seus guias espirituais de que a doação pode prejudicar a alma do paciente, e infelizmente esse é um ponto delicado que os profissionais de enfermagem devem observar e agir com cautela para lidar com os familiares. (Oliveira; Fernandes, 2016)

De tal modo, é possível perceber que são muitas as funções a serem desempenhadas pelos profissionais da enfermagem que atuam na área da doação de órgãos, sendo que as bagagens técnica e teórica são grandes auxílios que devem ser utilizados para sanar as dúvidas daqueles que devem autorizar o procedimento. (Araújo, 2013).

Por conseguinte, entende-se que a atuação da equipe de enfermagem vai desde educar a respeito da doação de órgãos e tecidos até a manutenção do potencial doador e provisão de cuidados aos pacientes submetidos a transplante. É importante que os enfermeiros envolvidos nos transplantes, examinem continuamente sua prática profissional, buscando maneiras de melhorar a assistência de enfermagem prestada a essa clientela

### **3.2 A assistência da enfermagem no transplante**

Faz parte da assistência do enfermeiro nos cuidados de transplantes a proteção e reabilitação dos possíveis doadores e receptores, além do cuidado com a família desses, tratando sobre prevenção e detecção de doenças prévias ao transplante de órgãos ou comorbidades associadas ao tratamento pós-transplante (Mendes et al., 2014)

Ainda, o COREN menciona que é função do enfermeiro a realização de planejamento, execução, coordenação, supervisão e avaliação dos procedimentos que são realizados tanto no doador como no receptor, sendo seu papel, também, a captação de possíveis doadores. (Araújo, 2013).

A atuação do enfermeiro pode ir além das UTI's, vez que na comunidade esse pode realizar ações que visem à disseminação de informações sobre a importância da doação de órgãos, devidamente amparado na ética da profissão e em conhecimentos teóricos e práticos, sendo que tal ação é de suma importância para que mais pessoas se voluntariem para a doação de órgãos. (Soares, 2007).

Mendes et al. (2014) menciona algumas das práticas da enfermagem frente ao processo de transplante:

A educação de pacientes; a implementação de intervenções que mantenham ou melhorem a saúde fisiológica, psicológica e social; o uso de intervenções que facilitem e promovam mudanças de comportamento e adesão ao tratamento em relação às complexas e prolongadas terapias; bem como, dar suporte aos pacientes e familiares no planejamento, implementação e avaliação do cuidado; e promover sistemas de apoio que visem os melhores resultados dos transplantes de órgãos

Como atividade inerente da profissão, os enfermeiros devem sempre buscar melhorias para o sistema de transplantes, por meio de controle de qualidade e colaboração entre a equipe, por meio de estudos e ações que sejam capazes de gerar novas estratégias para que o campo da saúde avance. (Araújo, 2013)

Cabe ressaltar que no trato com o transplante de órgãos os membros da enfermagem podem ocupar 2 funções de relevância, sendo elas: o enfermeiro clínico e o coordenador de transplante. O primeiro é aquele que detém a responsabilidade de cuidar dos possíveis doadores e dos receptores, sendo que podem se tratar de doadores vivos ou falecidos. O segundo é

responsável por coordenar o transplante, ou seja, gerenciar o procedimento, de modo que está a frente das etapas do perioperatório, bem como realiza cuidados aos candidatos e receptores. (Silva, 2015)

Ao enfermeiro clínico cabem as atividades de avaliação, diagnóstico, a identificação de resultados, o planejamento do cuidado, a implementação de intervenções e a avaliação de resultados voltados para a doação e o transplante de órgãos, lhe sendo de suma importância a experiência clínica e o estudo constante sobre a prática a ser efetivada. (Santos, 2014)

O enfermeiro coordenador é responsável por cuidar de situações complexas quanto ao cuidado ao paciente candidato e receptor. Dentre suas funções é de suma importância que ele seja atento a possíveis complicações advindas do procedimento cirúrgico, o diálogo com pacientes e familiares, equipe de transplante, provedores de saúde de outros setores hospitalares, com departamentos do hospital, documentação, manter registros organizados e acurados, habilidade de realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, manejo do tempo, bem como gestão dos profissionais médicos e paramédicos da equipe, previsão de orçamentos, manejo de base de dados. (Oliveira & Fernandes, 2016)

Tendo em vistas as situações que são vivenciadas pela equipe de enfermagem, a humanização de sua assistência é de suma importância, vez que o alívio da dor e do sofrimento são sua maior meta. No processo de transplante, o profissional da enfermagem deve lidar de forma integral no cuidado ao paciente e sua família, contemplando todos os aspectos físicos e psicológicos, atuando como um elo entre o paciente e a equipe multidisciplinar. (Huertas, 2019)

#### 4. Conclusão

Por meio do estudo realizado para a confecção do presente artigo fora possível constatar que a atuação da enfermagem no ramo de doação e transplantes de órgãos é de extrema relevância, ante ao contato direto que o profissional possui com o potencial doador e sua família.

É evidente que a razão que leva a doação de órgãos nunca será uma situação fácil, seja ele em vida ou após a constatação de morte encefálica, assim, o profissional deve possuir bagagem técnica e de experiência capaz de sanar todas as dúvidas da família para que o processo de transplante seja efetivado.

São diversas as atribuições aos enfermeiros que laboram em tal área, das quais se destaca: a educação dos pacientes sobre o que é o processo de doação de órgãos a fim de que esses se habilitem na fila, a implementação de intervenções que mantenham ou melhorem a saúde fisiológica, psicológica e social, bem como o uso de intervenções que facilitem e promovam mudanças de comportamento e adesão ao tratamento em relação às complexas e prolongadas terapias, lhe cabendo, ainda, dar suporte aos pacientes e familiares no planejamento, implementação e avaliação do cuidado.

Ademais, considerando a relevância da doação de órgãos, o profissional da enfermagem possui capacidade de disseminar informações sobre o assunto na sociedade, a fim de se quebrar tabus, especialmente em relação ao diagnóstico de morte encefálica, para que mais pessoas se tornem doadoras e mais vidas possam ser salvas.

Ante a relevância do tema por sua possibilidade de melhorar e salvar vidas é de suma importância que os estudos na área continuem, a fim de aprimorar ainda mais a atividade desenvolvida pela enfermagem, principalmente na captação de novos doadores de órgãos, bem como na disseminação de informações verídicas sobre o tema.

#### Referências

- Alencar, G. R., & Bruno, K. R. G. (2020). Doação de órgãos e tecidos para transplante: Motivo da recusa familiar de potenciais doadores de um município da Amazônia Legal.
- Andrade, J. D. A. A., de Brito, A. C., Lira, G. G., Cavalcante, F. E., Fernandes, V., & de Melo, R. A. (2018). Vivências e estratégias de uma organização de procura de órgãos.
- Araújo, C., dos Santos, J. A. V., Rodrigues, R. A. P., & Júnior, L. R. G. (2017). O papel do profissional de enfermagem na doação de órgãos. *Revista Saúde em foco*.

- Araújo, E. M. D., Nery, J. S., & Sousa, A. M. D. (2013) Saúde-doença-cuidado de pessoas negras: expressões do racismo e de resistência.
- Brasil, S. F. (1988). Constituição da república federativa do Brasil. *Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico*.
- Campos, H. H. (2001). Aumento do número de transplantes e da doação de órgãos e tecidos: processo de construção coletiva. *Associação Brasileira de Transplante de Órgãos [Internet]. Textos e aulas*.
- Cosmo, M., Morsch, D., Goiabeira, F., Genaro, L., Aragão, P., Kitajima, K., ... & Marca, J. (2014). O paciente em unidade de terapia intensiva-Critérios e rotinas de atendimento psicológico. *Psicologia em unidade de terapia intensiva-Critérios e rotinas de atendimento*, 1-21.
- Cosmo, M. (2009). A centralidade da família no processo de doação de órgãos e tecidos. *Brazilian Journal of Transplantation*, 12(4), 1186-1190.
- de Enfermagem, C. F., & em Transplantes, P. D. E. (2004). Resolução COFEN n. 292/2004. *Normaliza a atuação do Enfermeiro na Captação e Transplante de Órgãos e Tecidos [Internet]. Brasília: COFEN*.
- dos Santos, G. O. (2009). Transplante no Brasil: um investimento do SUS. *Brazilian Journal of Transplantation*, 12(1), 1070-1073.
- Figueiredo, C. A., Pergola-Marconato, A. M., & Saidel, M. G. B. (2020). Equipe de enfermagem na doação de órgãos: revisão integrativa de literatura. *Revista Bioética*, 28, 76-82.
- Fonseca, J. P. F. (2004). Luto antecipatório. *Livro Pleno*.
- Huertas, C. Doação De Órgãos No Brasil. *Revistaesgates 2015*, 71.
- Lima, A. A. F., Silva, M. J. P., & Pereira, L. L. (2009). Sufrimiento y contradicción: el significado de la muerte y del morir para los enfermeros que trabajan en el proceso de donación de órganos para trasplante. *Enfermería Global*, 8(1).
- Marinho, A. (2011). Transplantes de órgãos no Brasil. *Revista de Direito Sanitário*, 11(3), 120-122.
- Mendes, K. D. S., Roza, B. D. A., Barbosa, S. D. F. F., Schirmer, J., & Galvão, C. M. (2012). Transplante de órgãos e tecidos: responsabilidades do enfermeiro. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 21, 945-953.
- Monteiro, M. C., Magalhães, A. S., & Machado, R. N. (2017). A morte em cena na UTI: a família diante da terminalidade. *Trends in Psychology*, 25, 1285-1299.
- Oliveira, E. R., & Fernandes, S. C. C. (2016). A vivência do enfermeiro no processo de doação de órgãos em morte encefálica: dificuldades e desafios.
- Pereira, M. D. G., & Lopes, C. (2002). O doente oncológico e a sua família. *Lisboa: climepsi editores*.
- Perez, M. P., Silva, D. P. G., & Couto, T. V. D. (2009). Percepções de um familiar de idoso hospitalizado na iminência de morte: um relato de caso. *Arq ciênc saúde*, 16(1), 34-9.
- Pessini, L. (2004). *Humanização e cuidados paliativos*. Edições Loyola.
- Prodanov, C. C., & De Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição*. Editora Feevale.
- Silva, A. D. M., & Silva, M. J. P. D. (2006). A preparação do graduando de enfermagem para abordar o tema morte e doação de órgãos. *Resumos*.
- Silva, H. B., da Silva, K. F., & Diaz, C. M. G. (2017). A enfermagem intensivista frente à doação de órgãos: uma revisão integrativa. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 9(3), 882-887.
- Soares, L. S. D. S., Brito, E. S. D., Magedanz, L., França, F. A., Araújo, W. N. D., & Galato, D. (2020). Transplantes de órgãos sólidos no Brasil: estudo descritivo sobre desigualdades na distribuição e acesso no território brasileiro, 2001-2017. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29, e2018512.
- Trigueiro, G. M., de Oliveira, I. H. C., Peres, P. M., Spicacci, V. C. S., & Reis, L. C. S. (2020). Doação e transplante de órgãos: conceito e legislação no âmbito médico. *Revista Interação Interdisciplinar*. 4(1), 24-35.